

**COMENTÁRIOS À RECENSÃO CRÍTICA
DO PROF. EDUARDO TUFFANI**

Eduardo de Almeida Navarro (USP)
edalnava@yahoo.com.br

RESUMO

A tupinologia tem sido um campo de estudos deveras prejudicado por amadorismos de toda espécie. O estruturalismo linguístico anti-historicista, embaído por seu pretenso caráter de “ciência”, acredita que o uso de jargão arrevesado confira cientificismo a suas análises, descurando o principal, a saber, o conhecimento direto das fontes primárias. É o que revela a *recensão de Tuffani*.

No contexto de uma polêmica suscitada por uma *recensão crítica* que elaborei de um livro sobre nheengatu recentemente publicado, estranhamente surgiu uma *recensão crítica* de minha tese de livre-docência, defendida há seis anos e com um único volume disponível ao público, a saber, na biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em São Paulo. Intitula-se *Uma Tese de Tupi Antigo I*, do professor Eduardo Tuffani, da UFF, publicada na *Revista Philologus*, n. 52, do período de janeiro-abril de 2012.

Tuffani fez a *recensão crítica* de um trabalho meu que não está publicado, o que é inusitado. As verdadeiras intenções de seu autor ficam evidentes quando se conhecem os pormenores do assunto. Ocorre que na *recensão* feita ao livro de Aline Cruz eu teci críticas ao Prof. Aryon Rodrigues, da UNB, amigo de Tuffani. Querendo sair em sua defesa, mostrando sabença de um assunto que não domina senão periféricamente (edições, bibliografia, fontes secundárias etc.), Tuffani deu mostras de seu parco conhecimento de tupi antigo e perdeu credibilidade.

O texto de meu *Dicionário de Tupi Antigo* que ele leu data de 2006 e foi cabalmente modificado mediante revisão que dele empreendi

no ano de 2008 (tendo eu, então, usufruído licença-prêmio somente com tal mister). Vários defeitos que aquele trabalho portava eu mesmo já os deli há muito tempo. Justamente porque sou criterioso é que meu dicionário levou anos para ser feito e revisto, não tendo ainda ido ao prelo. Embora eu não creia que o conhecimento de tupi antigo de Tuffani chegue ao nível que lhe permita arvorar-se em crítico de obras acerca daquela língua, farei aqui algumas observações acerca de seus reparos, muitas delas beirando as raías da calúnia.

Não lançarei mão de “*argumentum ad hominem*” para repelir as críticas virulentas do Prof. Eduardo Tuffani a meus trabalhos, pois tal argumento é falacioso. Importa ver o que se disse, não quem o disse. É o que colimaremos fazer aqui. Contudo, a consulta ao “*curriculum vitae*” de Tuffani dá-nos o que pensar. Malgrado esteja no ensino universitário desde 1987 (isto é, há vinte e cinco anos), Tuffani não fez mestrado, não defendeu nenhuma tese de livre-docência, nunca fez um pós-doutoramento, tem somente 14 artigos publicados (um a cada dois anos de sua carreira, em média), dois livros publicados por editoras que publicam apenas mediante pagamento (Editora Íbis de Cotia e HVF Representações, de São Paulo, sendo um deles sua própria e única tese), nunca orientou ninguém em nível de pós-graduação nem de graduação, nunca ministrou uma palestra nem uma conferência em toda a sua vida. Publicou em vinte e cinco anos somente dois artigos sobre tupi antigo, no total de 15 páginas, somados os dois.

Ora, se ele exige de mim “espírito científico”, deveria dar o exemplo e dedicar-se com vigor à pesquisa, o que não faz nem nunca fez. E o que é mais assombroso é que está em RDIDP e é associado! Infelizmente, trabalho acadêmico em universidade pública não é, hoje, para muitos, nem um ideal nem uma vocação para os estudos e o ensino.

Voltando às críticas de Tuffani, enumerarei as que julgo dignas de resposta. Há outras tão fracas e inconsistentes que não merecem o trabalho de serem confutadas. Estas tratam de questões muito secundárias, como a negação da existência de textos que realmente figuram em Lemos Barbosa (que é só um gramático contemporâneo, não uma fonte primária), o desrespeito a normas da ABNT, a omissão de autores inexpressivos na bibliografia de meu dicionário etc.

Vejamos os principais pontos da controvérsia:

1. Navarro mantém há vários anos, em seu Currículo Lattes, esse trabalho como livro publicado, o que até o início da redação deste texto, 31 de janeiro de 2011, não se justifica uma vez que, até esta data, o livro não foi publicado. Compreendo que Navarro queira divulgar o seu trabalho e que deva fazê-lo, mas não é recomendável dar como publicado um livro que ainda não foi posto à disposição do público.

Qualquer pessoa que se dispusesse a consultar meu *curriculum* Lattes (que estava bem desatualizado e falto de muitas informações na altura do início desta polêmica) vê que Tuffani mente ao dizer que lá se encontrava um *Dicionário de Tupi Antigo* que eu ainda não publiquei. Se ele ali figurou no passado foi porque a Editora Global havia dado como certa sua publicação em anos progressos. A Editora Vozes pretendia publicá-lo em 2001, mas eu julguei prematuro fazê-lo, pois desejava que ele fosse minha tese de livre-docência, como de fato ocorreu mais tarde. Nunca me vali, contudo, dessas informações para obter qualquer proveito. Nunca solicitei bolsa de produtividade ao CNPq, nem bolsas para orientandos à FAPESP, que se valem do *curriculum* Lattes para deliberar acerca da justiça e oportunidade de tais concessões. Destarte, não houve nenhuma má-fé de minha parte, somente falta de experiência com o uso da Internet, que passei a usar com perícia apenas a partir de 2005, sendo que os dados em meu *curriculum* Lattes eram antes inseridos por uma funcionária de meu departamento na USP, mediante pagamento.

O dicionário ainda não foi publicado, não por minha culpa, mas por dificuldades internas da Editora Global, com a qual trabalho há anos, e que esteve, nos anos passados, assoberbada de atividades com a publicação de obras de autores clássicos do Brasil, as quais edita com exclusividade. A publicação do livro está atrasada há anos por razões alheias a minha vontade, mas o contrato com a editora Global já foi firmado há muitos anos.

2. Em “Os estudos de tupi antigo e a crítica estruturalista”, p. ix, Navarro cita o Prof. Mansur Guérios à frente da cadeira de etnografia e língua tupi da Universidade do Paraná. Na p. xiii, diz que tal cadeira se extinguiu nos anos 90. Segundo comunicação pessoal feita pelo Prof. Aryon Dall’Igna Rodrigues, paranaense, discípulo de Rosário Farâni Mansur Guérios, tal cadeira nunca existiu na atual Universidade Federal do Paraná.

Ora, Tuffani usa as palavras de quem está envolto numa polêmica como prova cabal de falsidade de minha asserção. Testemunho suspeito, portanto.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná foi fundada em 1938. Pela lei 2.311, de 3 de setembro de 1954, tornava-se obrigatória a criação do curso de *Etnografia Brasileira e Língua Tupi* em todas as faculdades daquela natureza no Brasil. O Paraná ter-se-ia mantido infenso ao cumprimento da lei?

Em 1994 eu participei de congresso na Universidade Federal do Paraná e seus organizadores disseram-me que se havia aposentado, havia pouco, um professor de língua tupi naquela instituição. É tudo o que posso dizer sobre tal assunto.

3. Na p. xi, Navarro alude ao início do curso de tupi no Colégio da Bahia em 1556, cujo primeiro professor teria sido Luís da Grã. O primeiro professor foi Antônio Rodrigues (Edelweiss 1969 a: 74), e, nessa ocasião, Luís da Grã se encontrava na capitania de São Vicente (Cardoso 1992: 26-27).

O passo aludido e objeto de ressalvas por parte de Tuffani é o seguinte: “*Em 1556, iniciava-se o curso de língua tupi no Colégio da Bahia, onde o Padre Luís da Grã seria o primeiro professor.*”

Ora, antes de Luís da Grã, o ensino não era feito com gramática, não tinha sistematicidade e não era obrigatório a todos os inacianos, sendo feito de forma eminentemente pragmática. Luís da Grã levou a *Arte de Anchieta* de Piratininga para a Bahia, com a qual os noveis jesuítas passaram a aprender o tupi. Ele foi, sim, o primeiro professor desse curso, a partir de 1560. Antônio Rodrigues foi somente um instrutor, que dava lições avulsas e sem sistematicidade, como se infere de muitos textos da época.

4. Ao discorrer sobre os Tupiniquím, p. xxix, Navarro afirma: “Essas referências a tupiniquins em São Vicente permanecem ainda enigmáticas e somente a descoberta de novos documentos históricos poderá lançar luzes sobre essa questão [!].” É mais do que sabido que os Tupí de São Vicente também eram chamados de Tupiniquím (Métraux 1928: 14-15, Edelweiss 1947: 44).

Obcecado por opiniões de Edelweiss, que tal ajuizou em 1946, Tuffani ignora autores mais modernos que cuidaram dessa questão. Se conhecesse o livro *Os indígenas do Planalto Paulista*, de Benedito Preziosi (Humanitas, USP, 2000), o melhor estudo sobre esse assunto até agora publicado, veria que essa questão é problemática e não diria o que disse.

Ali lemos, na p. 162:

TUPI OU TUPINIKIM?

Quanto aos moradores do planalto, *sempre pairaram dúvidas sobre seus etnônimos*. Foram chamados de Tupi, Tupinakim/Tupinikim e, algumas vezes de Guaianã/Goaianá/Goyanazes.

Compulsando a documentação da época, *percebemos uma incidência muito grande do etnônimo Tupi usado por aqueles que viveram com os indígenas do planalto e de São Vicente, sendo mais raro o registro do etnônimo Tupinakim*.

E na p. 165 (*ibidem*):

... Pode-se verificar que os missionários e portugueses que viviam ou estavam em contato com os indígenas de São Paulo e Piratininga, ao nomearem estes grupos, nas 22 ocorrências por nós citadas, em 16 (75%) utilizaram o etnônimo Tupi, ao passo que em apenas cinco (25%) usaram o etnônimo Tupinakim. Destas cinco ocorrências, apenas duas (9,5%) referiam-se aos indígenas de São Vicente. As outras três (15,5%) referiam-se aos indígenas que viviam mais distantes ou eram indicações genéricas, como fizeram os camaristas de São Paulo. (grifos nossos)

5. **Ao tratar de tupinismos, p. xiv, Navarro cita “ficar com nhenhênm, ficar jururu, ir para a cucuia, chorar as pitangas, etc.”. Certos termos e expressões devem ser evitados pelos tupinólogos pois possuem etimologias ainda não esclarecidas: é o caso de “nhenhênm” e “jururu”.**

Tuffani evidencia em tal passo que não conhece a literatura tupi:

nhe'enne'enga (etim. – *ficar falando*) (s.) – discurso, sermão, **NHENHENHÊM**: ...*abarê nhe'enne'enga renduba*... – ouvir o sermão do padre (Ar., Cat., 12)

aruru (s.) – tristeza, estado de **JURURU**, melancolia; (adj.) – triste, **JURURU**, tristonho, melancólico: *Nde arurupe abá nde rapixara rerekó-katureme?* – Tu te entristecestes ao alguém tratar bem teu próximo? (Ar., Cat., 102); *Xe aruru* (ou *Xe aruru nhe*). – Eu estou triste. (VLB, II, 45)

Da forma **aruru**, usada predicativamente (**i aruru** – *ele é tristonho*) é que proveio **jururu**. Não há mister argumentos para o provar. A evidência impõe-se como critério de verdade.

6. **Na mesma página, entre outras palavras, Navarro arrola “pirão”, de origem Tupi ou africana, mais provavelmente Tupi (Houaiss & Villar 2008 [2001]: 2223), que, no MMTA, por equívoco, afirma proceder de “pirá”... (1998: 546).**

Ora, aqui Tuffani contradiz-se. Se ele admite que *pirão* possa ter origem africana, como está tão certo de que eu me equivoquei ao dizer que *pirão* provenha de *pirá*? Creio, hoje, com efeito, que tal palavra provenha de *mindypyrõ*, mas não tenho certeza disso e Tuffani, por saber pouco o tupi antigo, não poderia fazer afirmações tão peremptórias. Veja-se o que consta de verbete revisto de meu dicionário:

(e)mindypyrõ [ou (e)minypyrõ] (r, s) (s.) – papa grossa, ensopado, pirão (Anch., *Arte*, 13v); caldo migado com farinha ou beiju de maneira que se desfaz todo em uma massa ou polme (*VLB*, II, 37): **xe remindypyrõ** – minha papa grossa (Fig., *Arte*, 79)

7. **Também no MMTA apresenta “SAPOTT” como tupinismo (1998: 292, 2005: 246), quando o termo nem sequer é de origem Tupí, mas Náuatle (Houaiss & Villar 2008 [2001]: 2518).**

Tem razão Tuffani. *Sapoti* é de origem náuatle. Sucede que tal palavra aparece escondida num “caça-palavras” que eu criei em 1998, uma espécie de jogo para noveis aprendizes de tupi, não a tendo eu excluído da edição de 2005 por não ter percebido ali sua presença, haja vista que está de enleio com muitas outras palavras. Basta abrir o *Método* para se entender o que digo.

A má intenção de Tuffani, não obstante, reside em não dizer que eu sabia do senão cometido, pois não consignei *sapoti* na minha tese, que ele resenhou...

8. **O cúmulo das falsas etimologias cabe a “Ipanema”, “upá-nema ‘lago fedorento’” da quinta lição do MMTA (1998: 61-62, 2005: 70-71). Segundo Navarro, assim se chamava a lagoa Rodrigo de Freitas (1998: 62), mas a lagoa nunca teve essa denominação. A Vila Ipanema era uma homenagem ao Barão de Ipanema, daí o nome do bairro: o topônimo tem sua origem na região de Sorocaba, Ypanema, já que de lá veio o homenageado.**

Tuffani mente quando escreve, acima, que tal informação aparece na edição de 2005, nas páginas 70-71). Nela, tal informação não aparece mais, pois eu próprio descobri meu erro, não foi mister ninguém me apontar. Eu apresentei ali duas etimologias para *Ipanema*, o mesmo que fez Lemos Barbosa (§444), em seu *Curso de Tupi Antigo*, a “Bíblia” de Tuffani. Ser-lhe-ia um bom alvitre dividir o texto desse livro em versículos...

9. Em “A documentação histórica: as edições e os manuscritos utilizados”, p. xciii, Navarro deixa de citar Helder Perri Ferreira como tradutor dos Poemas de Anchieta, assumindo para si a tradução da lírica tupi (1997), repetindo o que faz na terceira edição do MMTA (2005: 450). Na primeira edição do MMTA, a tradução desses poemas apresenta-se como trabalho em conjunto (1998: 533). Isto lembra a alteração do título da tese de doutorado, pequena, no entanto inconveniente. Mas aqui o caso é mais grave, chega a ser preocupante.

Com relação à omissão do nome de Hélder Perri como cotradutor dos poemas de Anchieta, é mister que se diga que ele era aluno de graduação quando tal livro foi publicado. Sua participação do trabalho aludido foi diminuta, pois seu conhecimento da língua era assaz pequeno. Ele chegou, sim, a traduzir alguns poemas, mas somente porque eu quis promovê-lo por me ter ajudado na organização de um congresso internacional em 1997. Por eu saber quão pouco ele fez é que não me aprouvei mais pôr seu nome ao lado do meu, e por mais uma razão que será explicitada no tópico 11. Mas não houve aqui nem sombra de má-fé, como meus detratores podem ter vislumbrado. Ademais, proporei em breve uma tradução aperfeiçoada à editora Martins Fontes, e sem o uso de hífens no texto tupi, com o que o nome de Perri deverá ser excluído definitivamente de meu trabalho.

10. Como se trata de um dicionário histórico, o “Dicionário de tupi antigo” deve ter os seus verbetes abonados com reproduções fiéis ao que está nas fontes primárias e secundárias, mas não é o que se encontra.

Se o fizera, tornaria o dicionário inútil a um público mais vasto. Como já salientei alhures, difundir o tupi antigo é a meta por mim colimada. Ademais, a banca julgadora de minha tese, composta por lexicógrafas eminentes, como as professoras Maria Aparecida Barbosa e Maria Teresa Biderman, não questionou tal ponto, aprovando meu dicionário com nota máxima. É, assim, perfeitamente cabível fazer o que fiz e, se Tuffani me ataca por isso, é-o por razões ominosas.

11. Por ocasião da estreia de Hans Staden, o *Jornal do Brasil* publicou uma reportagem, em que se dava atenção ao fato de o filme ser falado em Tupi Antigo: “Em Hans Staden fala-se a verdadeira língua brasileira”, atesta o professor Eduardo Navarro, especializado em tupi-guarani.” (Dia 2000: 1.) Quem assistiu ao filme viu Hans Staden se dirigir à praia exclamando: “Kurusu! Kurusu! Kurusu!” Portuguesismo no Tupi Antigo, kurusá é “cruz”, kurusu é no Guaraní, ybyraioasaba também traduz a ideia significando “paus cruzados”.

O aluno Hélder Perri, de quem Tuffani arvorou-se em advogado, em 1998 foi designado por mim para orientar a correta prolação dos diálogos em tupi pelos atores que participaram do filme *Hans Staden*, em Ubatuba, lá tendo permanecido, com tal fito, por várias semanas. Ali, sem nada me comunicar nem me pedir autorização para isso, fez versões (pois lhas solicitara o diretor Luís Alberto Pereira), que foram acrescentadas ao texto do filme, que eu havia vertido anteriormente.

Destarte, houve erros, sim, mas da lavra de Hélder Perri, não da minha.

12. Na “Introdução”, p. vi, Navarro vincula o Tupí Antigo ao Romantismo e ao Modernismo. Com efeito, houve tentativa nesse sentido, mas o Tupí Antigo só foi “decifrado” a partir dos anos 30 do século XX. Os escritores e os estudiosos anteriores, em sua quase totalidade, confundiam o Tupí Antigo com o Guaraní Antigo e sobretudo com o Nheengatú ou Tupí Moderno.

Ora, o título do poema I JUCA PIRAMA, de Gonçalves Dias, não foi retirado de nenhum vocabulário da língua geral, mas, sim, da gramática de Luís Figueira, do tupi antigo, que teve seis edições: 1621, 1687, 1795, 1851, 1878 e 1880). Somente no século do Romantismo foi ao prelo três vezes. É fato incontestável que Gonçalves Dias leu-a para compor seu *Dicionário da Língua Tupi*, publicado em 1858. Com um verbete de seu dicionário prova-se tal asserção:

NENIMAS – Terceira pessoa relativa do verbo *Ain*, estar deitado.

Veja-se o que escreveu Figueira:

Terceira pessoa relativa. Céni, l, néni mas só no plural. (Figueira, Arte da Grammatica da Lingua do Brazil, 1795) (grifos nossos)

Não há a forma verbal *Nenimas* em tupi antigo nem na língua geral amazônica. Ocorre que faltou no texto de Figueira, na edição de 1795, uma vírgula:

NÉNI, MAS SÓ NO PLURAR.

Isso confundiu Gonçalves Dias. O erro por ele cometido prova cabalmente que Figueira, o segundo gramático do tupi antigo, foi sua fonte (além doutros vocabulários da língua geral, é claro).

Por outro lado, donde foi retirado o nome do quadro de Tarsila do Amaral, ABAPORU? Basta abrir a gramática de Anchieta para se saber isso:

Tal palavra não figura em vocabulários da língua geral nem tampouco é termo do *nheengatu* do século XX.

Conhece, porventura, Tuffani a tese de Ingrid Schwamborn, intitulada *O Guarani era um Tupi* (UFC, 1998), em que ela mostra que A-lencar usou “abundantemente o *Dicionário da Língua Tupi*, de Gonçalves Dias”? (p. 411)

Que houve influxo da língua geral amazônica setecentista e do guarani no Romantismo e do *nheengatu* no Modernismo não há negar, isso é elementar, mas está mal informado quem afirma que não o houve do tupi antigo também.

13. No “*Dicionário*” de Navarro, em que se leram e se analisaram todas as fontes disponíveis, não há verbete para *ypyra* com tal significado. No *Confessionário* brasileiro de Anchieta se encontra “4. Ndeíteé abá [...] sópyra abaré supé [...] 4. Por isso o homem [...] se aproxima do sacerdote [...]” (1992 b: 77). Nas “Notas” do tradutor, Armando Cardoso, lê-se “4. [...] só-ypyra: ir perto, aproximar-se” (1992 b: 80). A passagem deve ser considerada para o significado de *ypyra*.

Por aqui se vê que Tuffani sabe pouco o tupi antigo... Pode ter muita informação sobre edições de obras, mas isso não basta para resolver o problema acima e nem ler seus textos. O “*verbo*” que ele afirma estar ausente de meu dicionário não o é, na verdade, e a tradução que Cardoso deu para tal palavra estava equivocada. Veja-se o verbete para tal palavra em meu dicionário, que pode, *de per se*, dirimir quaisquer dúvidas que parem sobre tal questão:

opyra (r, s) (s.) – 1) zelador da casa (de pessoa ausente); o que está ou fica na casa (de pessoa ausente): *Aimbiré, iarasó muru taûê, îandé roypyra moesãia*. – Aimbirê, levemos os malditos logo, para alegrar os que ficaram em nossas casas. (Anch., *Teatro*, 40); *T’o’u îandé ropyrûera*. – Que os comam os que ficaram em nossas casas. (Anch., *Teatro*, 64); 2) o que fica no lugar de, substituto (p. ex., o ovo que se põe no lugar onde se quer que a galinha vá botar; indez) (VLB, I, 115): *Nd’e’i te’e abá... soypyra abaré supé onhemombegúabo*. – Por isso mesmo o homem se confessa a seu substituto, o padre. (Anch., *Doutr. Cristã*, II, 77); *Aikó nde ropyramo*. – Estou em teu lugar; sou teu substituto. (Anch., *Arte*, 44v)

A palavra “omitida”, Tuffani não a encontrou porque ela é um substantivo, não o verbo “ir perto, aproximar-se”, como traduziu Cardoso. Ele canoniza gramáticos e tradutores contemporâneos e não as fontes primárias, pois não as conhece.

14. **De fato, torna-se preocupante o interesse daqueles que estudam o Tupí Antigo como uma língua viva. Como falar e escrever em Tupí Antigo se não se dispõe de curso, gramática e dicionário atuais e confiáveis para o estudo da língua? E mesmo que houvesse, não seria recomendável estudar Tupí Antigo para falá-lo ou escrevê-lo.**

Ora, Tuffani cita diversas vezes Lemos Barbosa como fonte confiável e, depois, diz que *não se dispõe de curso ...confiável para o estudo da língua?* Se Lemos Barbosa não é confiável, por que me critica tomando por base, diversas vezes, a obra daquele gramático (a sua “Bíblia”, como já asseveramos)? Não corresponderia isso a uma heresia? “*Anathema sit!*”

Ademais, se meu *Método de Tupi Antigo* não fora confiável, ele não teria sido estudado por uma das maiores antropólogas indígenas brasileiras, a Dra. Betty Mindlin, que o leu completamente e assistiu a meu curso na USP.

Enfim, se o tupi antigo não pode ser aprendido como língua viva, por que o Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da UnB, dirigido por Aryon Rodrigues, participou da publicação de uma obra chamada “*Como manter sua língua viva: uma abordagem da aprendizagem individualizada, baseada no bom senso*”? Esse livro, de autoria de Leanne Hinton, dá exemplos de experiências de revitalização de línguas indígenas mortas. Aryon Rodrigues publica aquilo em que não acredita? Pois lá vai escrito seu nome em **Produção e edição final**, ao lado do nome de Ana Suelly Cabral...

Com efeito, na p. 27 de tal obra, lemos que “*Daryl Baldwin, do povo Miami, aprendeu sua língua, ensinou-a à sua família, transformou-a na língua usada em sua casa e ainda ensinou-a em cursos de língua e acampamentos...*”

Em nota de rodapé (ainda na p. 27), lemos:

Miami é uma língua da família Algonquin falada nos estados norte-americanos de Indiana e Oklahoma... *Daryl não podia aprender sua língua com o programa mestre-aprendiz, porque o último falante da língua havia falecido em 1962. Ela aprendeu sua língua fazendo um mestrado em linguística para que pudesse compreender o material que existia sobre sua língua. Seu êxito impressionante foi o princípio da revitalização da língua Miami.* (grifos nossos)

Na p. 102 (*ibidem*) há referência a mais uma língua indígena morta que está sendo aprendida por uma descendente de índios americanos, de nome Quirina Luna:

Rumsien é uma língua Ohlone, intimamente relacionada com a língua de Quirina, Mutsun. Nenhuma das duas línguas tem falantes nativos. Linda está aprendendo Rumsien a partir de registros escritos e gravações de áudio.

Por que Tuffani, no seguimento de Aryon Rodrigues, critica-me o trabalho de ensino do tupi antigo como língua viva entre os potiguaras da Paraíba, fazendo de conta que não sabe da existência de iniciativas idênticas levadas a efeito nos Estados Unidos e divulgadas (e, creio eu, apoiadas) pelo próprio Aryon Rodrigues, seu grande amigo? O problema é que, no meu caso, houve muita repercussão na mídia daquele meu trabalho entre os potiguaras e a alma humana, quando pequena, não tolera ver o bom sucesso alheio...

15. Não vá alguém pensar, portanto, que, com esta resenha, há a intenção de questionar a aprovação de Navarro no concurso de livre-docência do qual participou. Como o trabalho, porém, poderia ter um caráter mais científico, serão levantados pontos que, se tivessem sido considerados, teriam dado ao “Dicionário” a confiabilidade de que precisa.

Tuffani fala de *caráter científico* sem saber bem as implicações filosóficas disso. O termo *ciência* não é unívoco, mas certamente trabalho filológico não é ciência empírica como Tuffani e seus sequazes parecem querer que seja. Se a falta de espírito científico de que ele me acoima significa “falta de rigor” ou “falta de método”, é preciso que ele, então, modifique os termos que usa, pois isso denuncia carência de formação filosófica e humanística, necessária para se compreender o próprio Estruturalismo do qual eles são defensores.

16. Na p. 31 vem “*amopyra* (s. etnon.) – (nome de nação indígena (Vasconcelos, *Crônicas* (Not.), I, § 151, 110)”, que também deve ser levado em conta para *ypyra*: “*Amoipira*. – A palavra é composta de *amó* = outro, outra, da outra, e *ybyra* = margem, com possível influência de *ypyra* = parte próxima. Como se vê no texto, o gentílico proveio do nome do maioral da tribo. Chamou-se, portanto, O(s) da outra margem.” (Edelweiss 1974: 473-474.)

Aqui novamente Tuffani errou por não conhecer fontes primárias, mas só os gramáticos contemporâneos:

amopyra (os que ficaram no lugar de outros < **amõ** + **opyra**) (s. etnôn.) – **AMOPIRA**, nome de povo indígena que vivia às margens do rio São Francisco (Vasconcelos, *Crônica* (Not.), I, §151, 110)

Já mostrei no tópico 13 o que significa **opyra** (r, s). Basta relê-lo.

17. Também afirmo que não recomendei a publicação do manual na ocasião porque eu esperava de Navarro um amadurecimento no que toca à questão da problemática do Tupi Antigo ou Tupinambá.

Como já demonstrei, Tuffani não é ninguém para recomendar ou deixar de recomendar publicações na seara do tupi antigo, ele que, em toda a sua vida, só publicou 15 páginas de textos sobre o assunto. Certamente ele queria que eu também fizesse uma triste figura, como a que ele próprio faz, no mundo acadêmico... Ademais, que poderiam significar as obscuras palavras “*problemática do Tupi Antigo ou Tupinambá*”?

18. Em “A documentação histórica”, p. xcii, Navarro delimita no tempo as fontes utilizadas, séculos XVI e XVII, “o período histórico em que o tupi antigo foi falado”. Se leu tanto, onde está *karaku*? São duas as ocorrências em Claude d’Abbeville.

A palavra referida aparece na p. 189 de minha tese com a forma **karasu**, haja vista que Marcgrave, que também a menciona, amiúde omite cedilhas, o que já engendrou erros e confusões na história da Taxinomia. Isso aconteceu, por exemplo, em CAVIA COBAIA (que se deve ler ÇAUIÁ ÇOBAIA), originando um erro de interpretação do taxinomista Lineu, que criou o táxon *caviideos* e o nome *cobaia* para o porquinho-da-índia, e isso à conta da má transcrição daquelas palavras, feita por Marcgrave. Decidi-me, contudo, pela forma KARAKU na revisão que fiz do dicionário em 2008, por razões que não importa aqui apresentar por miúdo.

19. Fruto de “descoberta”, p. ci, uma outra conclusão que merece esclarecimento diz respeito a “*îakatu*1 (adv.) – por todo (os, a, as), em todo (os, a, as)”. Acerca do que afirma Navarro: “Nenhum dos tradutores de Anchieta atinara com o seu significado, que somente com este dicionário ficou evidenciado em virtude do cotejo de diferentes textos, donde pôde ressumar o verdadeiro sentido do lexema.” Estas lições não tinham sido bem aprendidas por Navarro porque na sua tradução da lírica tupi de Anchieta não se vê tal entendimento: “Oro-aûsukatu gûi-t-ekóbo, xe r-ekobé îa-katu [...] Estou amando-te muito, como a minha própria vida [...]” (1997: 102).

Se Tuffani conhecesse bem o tupi antigo, saberia que *îakatu* tem mais de um significado. Traduzi-o em *Poemas de Anchieta* de uma forma, mas ela não era a única possível:

*îakatu*¹ (adv.) – por todo (os, a, as), em todo (os, a, as): *Seté îakatupe ybyá i moperé-perebi...?* – Fizeram feridas por seu corpo todo? (Ar., Cat., 60); *Oro-aûsukatu gûitekóbo, xe rekobé îakatu.* – Estou amando-te muito, por toda a

minha vida. (Anch., *Poemas*, 102); **-Mamõpe a'e i boiá sóu a'e riré? -Taba iakatu**. -Para onde aqueles seus discípulos foram depois disso? -Por todas as cidades. (Ar., *Cat.*, 45v); **I pupé Iesu Cristo rekóu, i Tupã seté abé güetependüara pupé, o ekó iakatu tenhe i 'anga abé...** – Dentro dele está Jesus Cristo, sua divindade e seu corpo em sua inteireza, em todo o seu ser e em seu espírito. (Ar., *Cat.*, 85); **T'oikuab pabengatu abá yby iakatu oküaba'e karai'bamo nde rera rekó.** – Que saibam todos os homens que estão em toda a terra que teu nome é santo. (Thevet, *Cosm. Univ.*, II, 925)

iakatu² (conj.) – como (de comparação), da mesma forma que; exatamente como: **Akó ybakype ogüekó iakatu, Iandé Iara... rekóu miapépüera pupé nhe abaré pópe re'a...** – Eis que, como está no céu, Nosso Senhor está dentro do pão nas mãos do padre, com certeza. (Ar., *Cat.*, 84v)

iakatu³ (v. intr.) – igualar, ser igual: **Nde poropotare'yma t'oiakatu xe resé.** – Tua pureza seja igual em mim. (Anch., *Poemas*, 132) **iakatundüara** (s.) – o que é igual a; o igual de (*VLB*, II, 9)

20. Em Lições de etimologia tupi, o Prof. Edelweiss dá a sua contribuição para a etimologia de “caipira”: “Caipira – é outro enigma etimológico à espera de solução defensável. Sendo, pois, a etimologia de caipira um enigma intrincado, o máximo que se pode fazer é juntar às opiniões anteriores mais outra, que talvez não satisfaça, mas que, pelo menos, não violenta os preceitos gramaticais tupis. Existe no guarani o termo *ypy*, correspondente ao tupi *ypyra* – *perto de, junto de, parte próxima*. Diz Montoya que a mesma palavra se emprega para designar o que trata de, o que toma conta de. Se combinarmos *ypyra* com *kaá* – teremos *kaá-ypyra*.” Para uma palavra tida como de origem controvertida (Cunha 1982 [1978]: 83), deve-se admitir que a hipótese de etimologia de “caipira” elaborada pelo Prof. Edelweiss chega a ser original e mesmo plausível: até onde se sabe, é a mais viável das propostas de etimologia para o termo em causa. No “Dicionário” de Navarro, em que se leram e se analisaram todas as fontes disponíveis, não há verbete para *ypyra* com tal significado.

Ora, Edelweiss enganou-se totalmente no que disse e Tuffani mostra-se absolutamente despreparado ao repetir tais coisas. Já mostrei alhures (tópico 16) que *não há verbete para ypyra com tal significado*, como nesciamente afirmou Tuffani, somente porque a palavra *ypyra* não existia como um lexema (senão como alomorfe do sufixo *-pyra*). *Perto de*, em tupi antigo, é *ypype*, não *ypyra*, como asseverou erroneamente Edelweiss:

ypype (loc. posp.) – perto de, junto a: **...T'oroikó nde ypype nhe...** – Que estejamos perto de ti. (Anch., *Teatro*, 122); **...Tatá ypype oiepegüabo.** – Aquecendo-se perto do fogo. (Ar., *Cat.*, 57)

21. **Pode parecer exagero, mas não é, todos os verbetes do “Dicionário” devem ser revistos para que sejam refeitos com abonações originais.**

(...)

Todo trabalho pode e deve ser melhorado, porém, tratando-se de Tupi Antigo, isso é mais do que necessário pois boa parte das fontes primárias apresenta ortografia deficiente. Por isso solicitei a Navarro que não publicasse o seu manual antes do tempo, pois se ele o fizesse, teria que refundir o trabalho posteriormente.

Isso porque Tuffani, como não pode ler senão traduções de textos tupis, deseja que o conhecimento dessa língua fique só em nível de documentação. Fá-lo para justificar sua própria insciência dela... Ele quer, assim como acontece consigo próprio, que ninguém a leia, ninguém a escreva, ninguém a fale, ninguém, enfim, a saiba. Ele quer fidelidade total à ortografia dos originais para que o tupi antigo continue a ser fracamente conhecido ou somente que o seja em nível estrutural, como acontece com Aryon Rodrigues e consigo próprio.

22. **Ao tratar dos Potiguára, p. xxx, Navarro afirma que a História do Brasil de Vicente do Salvador foi publicada em 1627. Tal obra permaneceu inédita até 1889 quando teve a sua primeira edição no volume 13 dos Anais da Biblioteca Nacional (Lacombe 1974: 164-165).**

Mais uma vez, Tuffani mostra que sua preocupação é somente com as edições dos livros, não com o conteúdo deles. Se houve engano de minha parte nesse caso, a informação é absolutamente irrelevante para o objetivo por mim perseguido.

Conclusões

A maior parte das críticas de Tuffani não procede. Sua análise é confusa, mal escrita, sem uso correto de parágrafos e vírgulas, com repetições de ideias, sem estilo, enfim...

Acredito que a atual polêmica que eu engendrei foi, assim, sumamente proveitosa. Certamente Tuffani não faria o trabalho de revisão que fez (embora limitado a poucos verbetes) se não fosse aquela.

É inevitável que, em toda obra, haja sempre erros, não existindo perfeição em nada que o ser humano faça. No entanto, os erros não podem ser excessivos (como os há nos dois trabalhos cujas resenhas críticas eu divulguei recentemente pela Internet).

Num dicionário de cerca de oito mil itens lexicais, o que Tuffani mostrou ser equivocado ou passível de aperfeiçoamento não chega a 0,2% do total e isso porque não resenhou o texto de meu dicionário após sua revisão em 2008. Os erros que ele aponta em meu trabalho são periféricos, não o atingindo em seu cerne. Ademais, referem-se, em grande parte, àquilo que ainda não foi dado ao prelo.

O prof. Tuffani muito me surpreende em tecer tais críticas, ele que me confessou, certa feita, ter lido somente a gramática de Lemos Barbosa e não conhecer a literatura em tupi antigo. Já me disse, ademais, que o Prof. Aryon Rodrigues apreciava meu trabalho. Deve tê-lo apreciado no passado, com efeito, pois em 1997, no Congresso Internacional IV Centenário de Anchieta, na FFLCH da USP, Rodrigues afirmou, diante de dezenas de pessoas, que eu renovei o ensino e a pesquisa do tupi antigo na minha universidade. Disso dão testemunho muitos professores e alunos que lá estavam e com os quais eu ainda mantenho contatos.

O que, na verdade, azedou a apreciação positiva que Rodrigues fazia acerca de mim foi ver a repercussão que meu trabalho teve na televisão, nos jornais e nas revistas nacionais e do exterior por ocasião das comemorações dos quinhentos anos do Descobrimento do Brasil e, além disso, as notícias que lhe chegaram pela mídia de meu magistério entre os potiguaras da Paraíba, a convite da FUNAI, no ano de 2001. A partir desses acontecimentos, Rodrigues passou a tratar-me mal e com despeito, a mim que sempre o tratara com a máxima deferência (apesar de perceber as limitações que seu trabalho apresentava no campo dos estudos tupinológicos). Disso dá testemunho o fato de eu lhe ter dedicado a primeira edição de meu curso de tupi antigo.

A propósito, ocorre também que nunca um curso ou gramática de uma língua indígena brasileira passou da primeira edição e o meu *Método* já vai para a quarta, com três reimpressões. É isso que o Prof. Rodrigues e Tuffani nunca me perdoaram...